

# GEU/UPF: CONCRETIZANDO A REALIDADE SILENCIOSA DO ANALFABETISMO NO SUL DO BRASIL

Luciane Spanhol Bordignon<sup>1</sup>

## Introdução

As reflexões que constituem este artigo emergiram de experiências vividas na condição de membro participante do Grupo de Estudos sobre a Universidade (GEU) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e como coordenadora local do Grupo de Estudos sobre Universidade, da Universidade de Passo Fundo.

As experiências vivenciadas na Rede GEU e no GEU/UPF, tangenciam oportunidades profissionais (contatos), crescimento pessoal (conhecimentos), que se transformam em lócus de desenvolvimento profissional. Este trabalho relata o contexto do GEU/UPF, em seus estudos, nos anos de 2005 a 2014, direcionados nas linhas de pesquisa: Políticas educacionais e educação superior e Políticas educacionais: universidade e educação básica.

Resgata os estudos realizados, no âmbito do analfabetismo e apresenta dados atualizados a partir dessa temática. Sinaliza sobre o compromisso das Universidades frente a realidade silenciosa do analfabetismo que, ainda persiste, no Brasil e no Rio Grande do Sul. Aponta para a necessidade da efetivação de políticas públicas educacionais, como a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

## Contextualizando o GEU/UPF

Essas reflexões emergiram de experiências vividas na condição de membro participante do GEU/UFRGS e coordenadora local do Grupo de Estudos sobre Universidade, da Universidade de Passo Fundo, cuja trajetória se encontra, resumidamente, descrita no site da UFRGS<sup>2</sup>. Este grupo surgiu, inicialmente, em 1988, como Grupo de Estudos sobre Universidade/GEU. Em 1995, desdobrou-se no GEU (PPG Sociologia) e GEU/Edu/Ipesq (Inovação e Pesquisa/PPG Educação), ambos na UFRGS. Posteriormente, foram também

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela UFRGS. Universidade de Passo Fundo. E-mail: [lucianebordignon@upf.br](mailto:lucianebordignon@upf.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1620-0288>, Link lattes: <http://lattes.cnpq.br/6197279063733225>.

<sup>2</sup> GEU. Disponível em < <http://www.ufrgs.br/geu> >.

implementados dois grupos em IES no interior do RS: na Universidade de Passo Fundo (GEU/UPF) e na Universidade Federal de Pelotas (GEU/UFPel). Mais recentemente houve a criação de outros GEUS em diversas IES: na Universidade Tecnológica Federal do Paraná - o (GEU/UTFPR); na Universidade do Estado de Mato Grosso e na Universidade Federal do Mato Grosso (GEU/Unemat/UFMT); na Universidade de Santa Maria (GEU/UFSM) e na Universidade do Extremo Sul Catarinense (GEU/UNESC), formando desta forma, a Rede GEU. Atualmente são oito os Grupos de Pesquisa, cadastrados no Diretório de Grupos do CNPQ.

O objetivo da Rede, ao longo de sua história, tem sido de criar oportunidades para formação, para a reflexão, para a produção de saberes, para a inovação, para a divulgação de conhecimentos e para o aprimoramento de políticas voltadas à Educação Superior. Para tanto, o trabalho envolve a orientação de alunos de iniciação científica, graduandos, mestrandos, doutorandos e pós-doutorandos, a partir de diálogos amplo, plural e democrático. Cada Grupo tem competências e características próprias, assim a Rede se constrói nas trocas e diálogos entre os Grupos que a compõe, com a comunidade interna de cada Instituição de origem, bem como nas trocas com grupos de pesquisa, tanto no nível interno institucional, como em outros espaços acadêmicos nacionais e internacionais, visando a análise propositiva de temas da Educação Superior.

As experiências vivenciadas na Rede GEU e no GEU/UPF, tangenciam oportunidades profissionais (contatos), quanto de crescimento pessoal (conhecimentos), que se transformam em *locus* de desenvolvimento profissional, visto que habilita os membros dos grupos locais para uma série de situações que exigem qualificação e disposição para a pesquisa.

No contexto do GEU/UPF, duas linhas de pesquisa se fazem presentes: *Políticas educacionais e educação superior*: que pesquisa as finalidades e funções da universidade, a pedagogia universitária envolvendo o docente (como pesquisador, gestor educacional e agente social) e a vida acadêmica do universitário. A outra linha: *Políticas educacionais: universidade e educação básica*, que pesquisa sobre os fatores contributivos e condicionantes das políticas educacionais nos diversos níveis de ensino e modalidades de educação e seus vínculos com a Universidade.

Das pesquisas já realizadas no GEU/UPF, encontra-se, entre elas: a pesquisa sobre o analfabetismo<sup>3</sup>; o primeiro estudo da então Equipe Alfa-analfa da Faed, que pode ser considerada a origem do GEU/UPF, resultou na publicação do livro: Onde eles estão? Desvelando o analfabetismo no Brasil, de Santos e Damiani (2005) e o segundo conjunto de estudos, nove anos depois, Como eles são: Concretizando a realidade silenciosa do analfabetismo no sul do Brasil, de Longhi e Dal Moro (2014).

O primeiro livro, “Onde eles estão? Develando o analfabetismo no Brasil” de Maria Leda Loss dos Santos e Fernanda Eloisa Damiani, publicado em 2005, está dividido em duas partes: na Parte I apresenta um olhar sobre o presente: atualização de um retrato com base nos dados da virada do milênio, Estes estudos focalizam a questão do analfabetismo. Na segunda parte, resgatando os estudos das duas últimas décadas do século XX os textos focalizam os índices de analfabetismo na região Centro-Norte do RS. Além disso, o livro apresenta um conjunto de tabelas produzidas, entre elas: a situação da alfabetização infantil, crianças de 5 a 6 anos por Microrregião- MR<sup>4</sup> do estado do Rio Grande do Sul e no total, analfabetismo entre adolescente e jovens de 10 a 19 anos por MR e total; e situação do analfabetismo entre adultos – 10 ou mais por MR e no total .

O segundo livro “Como eles são? Concretizando a realidade silenciosa do analfabetismo no sul do Brasil, de Solange Maria Longhi e Selina Maria Dal Moro, publicado em 2014, está dividido em duas partes: Na parte I configuração do estudo, e na parte II Desdobramentos dos Estudos nos núcleos: projeto monitorando a realidade silenciosa do analfabetismo no Brasil um estudo do centro-norte do RS, coordenador por Solange Maria Longhi; projeto raízes significações e políticas referentes ao analfabetismo nos municípios de Lagoa Vermelha, Cacique Doble e Charrua, coordenado por Selina Maria Dal moro, projeto

---

<sup>3</sup> O primeiro estudo da então Equipe Alfa-analfa da Faed, que pode ser considerada a origem do GEU/UPF, resultou na publicação do livro: Onde eles estão? Desvelando o analfabetismo no Brasil - Santos; Damiani (2005) e o segundo conjunto de estudos, nove anos depois, Como eles são: Concretizando a realidade silenciosa do analfabetismo no sul do Brasil – Longhi; Dal Moro (2014).

<sup>4</sup> Microrregião é definida como parte das mesorregiões que apresentam especificidades quanto à organização do espaço. Essas especificidades referem-se à estrutura de produção, agropecuária, industrial, extrativismo mineral ou pesca. A organização do espaço microrregional é também identificada pela vida de relações em nível local, isto é, pela interação entre as áreas de produção e locais de beneficiamento e pela distribuição de bens e serviços de consumo freqüente. Assim, a estrutura da produção para identificação das microrregiões é considerada em sentido totalizante, envolvendo a produção propriamente dita, distribuição, troca e consumo, incluindo atividades urbanas e rurais. O Estado do Rio Grande do Sul compõe-se de 35 microrregiões: Cachoeira do Sul, Camaquã, Campanha Central, Campanha Meridional, Campanha Ocidental, Carazinho, Caxias do Sul, Cerro Largo, Cruz Alta, Erechim, Frederico Westphalen, Gramado-Canela, Guaporé, Ijuí, Jaguarão, Lajeado-Estrela, Litoral, Lagunar, Montenegro, Não-Me-Toque, Osório, Passo Fundo, Pelotas, Porto Alegre, Restinga Seca, Sananduva, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Santa Rosa, Santiago, Santo Ângelo, São Jerônimo, Serras de Sudeste, Soledade, Três Passos, Vacaria. No anexo 1, encontra-se o mapa das Microrregiões no RS. Fonte: <http://feedados.fee.tche.br/feedados/#!home/idadesgeograficas/microrregioes>.

de pesquisa Educação e desenvolvimento socio-econômico-cultural da região da Serra do Botucaraí: um estudo a partir dos índices de analfabetismo e desenvolvimento humano e o Projeto: processo de expansão do campo educacional no espaço geopolítico da grande Lagoa Vermelha. Nesta publicação, além dos dados quantitativos (IBGE, 2000) o projeto visou aprofundar a compreensão sobre o problema do analfabetismo, em uma perspectiva qualitativa, a partir de falas de analfabetos e gestores municipais.

O intuito deste texto é de rememorar, mesmo que brevemente, alguns estudos e pesquisas desenvolvidos pelo GEU/UPF e, trazer dados atualizados sobre a temática do analfabetismo. Estudos mais aprofundados estão na projeção do GEU/UPF.

### **A realidade do analfabetismo**

O analfabetismo foi e continua sendo inscrito na história brasileira. Comparado a uma erva daninha, ou a uma enfermidade contagiosa, ou ainda a ignorância. Para Ferraro (2004), o analfabetismo privou, por mais de um século (1981-1988), milhares de cidadãos brasileiros do direito ao voto.

A definição de alfabetismo e analfabetismo, no censo demográfico (2000) aponta para “considerou-se como alfabetizada a pessoa capaz de ler e escrever um bilhete simples no idioma que conhecia. Como analfabeta, foi considerada a pessoa incapaz de ler e escrever um bilhete simples no idioma que conhecia, amis aquela que aprendeu a ler e escrever, mas esqueceu a que apenas assinava o próprio nome (IBGE, 2001, p. 24).

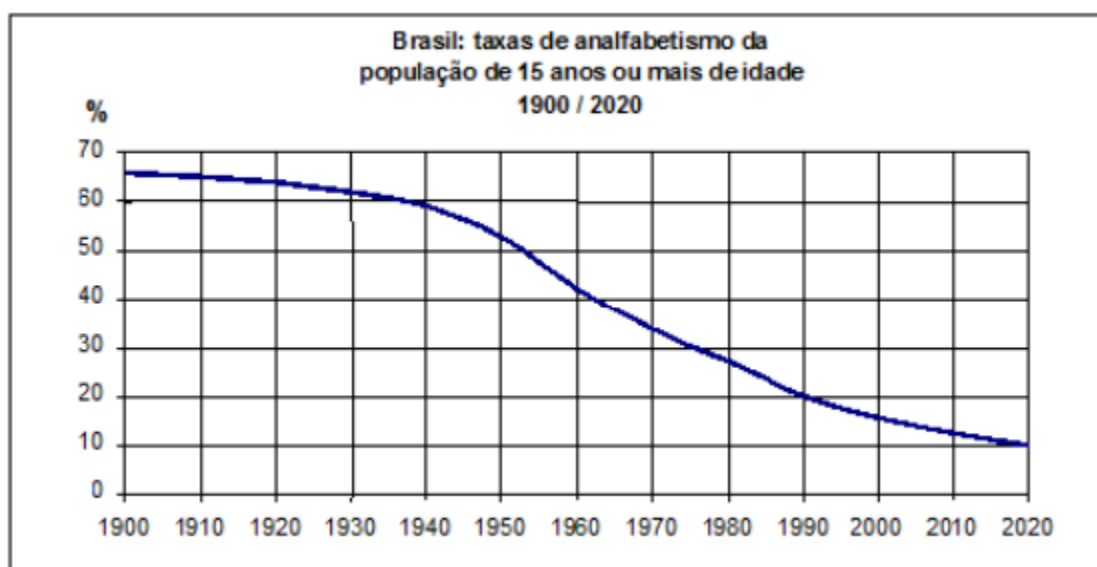
Para Freire (1983) a alfabetização é um ato criador, no qual o analfabeto apreende criticamente a necessidade de aprender a ler e a escrever, preparando-se para ser o agente desta aprendizagem. E consegue fazê-lo na medida em que a alfabetização é mais que o simples domínio mecânico de técnicas para escrever e ler. Segundo o autor, a alfabetização compreende o entendimento do que se lê e se escreve. É comunicar-se graficamente, implicando não em uma memorização mecânica das sentenças, das palavras, das sílabas, desvinculadas de um universo existencial, mas uma atitude de criação e recriação.

Ao evidenciar a taxa de analfabetismo no Brasil, em 2018, houve uma discreta melhora, saindo de 6,8% para 6,6% em 2020 (IBGE, 2020). Mesmo com a diminuição, que representa aproximadamente 200 mil pessoas, o país ainda conta com 11 milhões de pessoas que não sabem ler e escrever. De acordo com o IBGE, analfabetos são cidadãos que têm 15 anos de idade ou mais e eles não conseguem formular nem pequenos textos.

O Plano Nacional de Educação -PNE (2014-2024) estabelece o que deve ser feito para melhorar a educação no país até 2024, desde a Educação Infantil até a Pós-graduação. A meta 9, do PNE, sinaliza sobre a Alfabetização e alfabetismo funcional de jovens e adultos e propõe elevar a taxa de alfabetização da população com 15 anos ou mais para 93,5% até 2015 e, até o final da vigência do PNE, erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em 50% a taxa de analfabetismo funcional. A estratégia 9.12 evidencia considerar, nas políticas públicas de jovens e adultos, as necessidades dos idosos, com vistas à promoção de políticas de erradicação do analfabetismo, ao acesso a tecnologias educacionais e atividades recreativas, culturais e esportivas, à implementação de programas de valorização e compartilhamento dos conhecimentos e experiência dos idosos e à inclusão dos temas do envelhecimento e da velhice nas escolas.

As taxas de analfabetismo ao longo do tempo, no Brasil, na população de 15 anos ou mais de idade, apresenta uma curva descendente, conforme apresenta o gráfico 1.

**Gráfico 1** - Taxas de analfabetismo da população de 15 anos ou mais de idade de 1900 a 2020



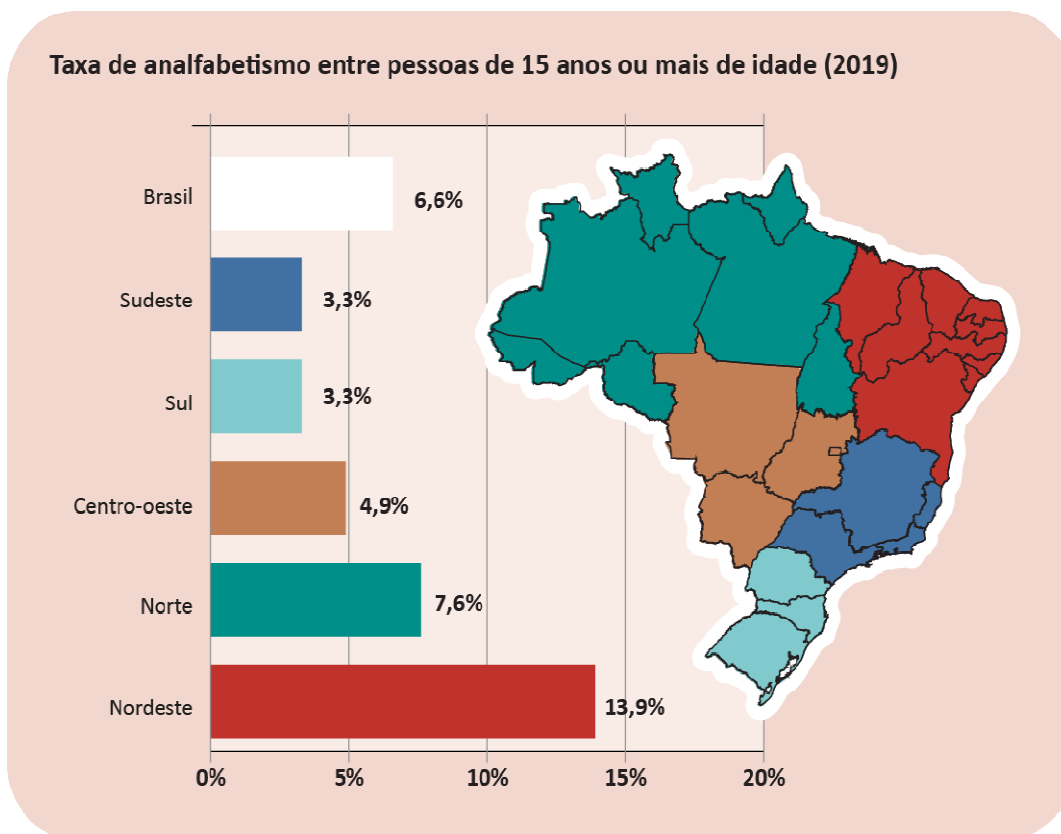
Fonte: IBGE (2020)

Embora a curva apresenta-se decrescente, é possível observar que o analfabetismo nesta a faixa etária ainda existe, constituindo-se uma realidade silenciosa. Um dado importante sobre educação é o percentual de pessoas alfabetizadas. No Brasil, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) 2019, a taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade foi estimada em 6,6% (11 milhões de analfabetos).

A taxa de 2018 havia sido 6,8%. Esta redução de 0,2 pontos percentuais no número de analfabetos do país, corresponde a uma queda de pouco mais de 200 mil pessoas analfabetas em 2019. A Região Nordeste, apresentou a maior taxa de analfabetismo (13,9%). Isto representa uma taxa aproximadamente, quatro vezes maior do que as taxas estimadas para as Regiões Sudeste e Sul (ambas com 3,3%). Na Região Norte, essa taxa foi 7,6 % e no Centro-Oeste, 4,9%. A taxa de analfabetismo para os homens de 15 anos ou mais de idade foi 6,9% e para as mulheres, 6,3%. Para as pessoas pretas ou pardas (8,9%), a taxa de analfabetismo foi mais que o dobro da observada entre as pessoas brancas (3,6%).

A figura 1 demonstra a taxa de analfabetismo entre pessoas de 15 anos ou mais no Brasil e nos estados.

**Figura 1** – Taxa de analfabetismo entre pessoas de 15 anos ou mais de idade (2019)



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2012-2019.

A taxa de analfabetismo, no RS, apresenta metade do valor apurado da taxa no Brasil, em 2019. A erradicação do analfabetismo, integra, como salientado anteriormente, a meta nove do PNE (2014-2024). O analfabetismo configura-se um problema histórico no Brasil. Uma das respostas a esse problema, perpassa por investimento em políticas públicas

educacionais, como a Educação de Jovens e Adultos - EJA. Ressalta-se o compromisso dos gestores públicos, na oferta de políticas voltadas a jovens e adultos<sup>5</sup>. Arroyo (2011) afirma que a EJA tem de partir, para sua configuração como um campo específico, da especificidade desses tempos de vida – juventude e fase adulta – e das especificidades dos sujeitos concretos históricos que vivem nesses tempos. O autor sinaliza que:

[...] sem dúvida um dos olhares sobre esses jovens e adultos é vê-los como alunos(as), tomarmos consciência de que são privados dos bens simbólicos que a escolarização deveria garantir [...] que o analfabetismo e os baixos índices da escolarização da população jovem e adulta popular são um gravíssimo indicador de estarmos longe da garantia universal do direito à educação para todos (2011, p. 23).

Diante desse contexto, considera-se fundamental a efetivação de condições básicas para a formação de cidadãos críticos e atuantes a partir da EJA, bem como da formação continuada dos docentes. Na perspectiva do professor reflexivo e de trabalhos coletivos; o aprofundamento de debates sobre questões fundantes sobre a desigualdade social; a possibilidade de contribuição para o processo de mudança social; e o fomento à EJA, enquanto modalidade de ensino e direito à educação, possibilita a garantia de uma educação de qualidade na formação cidadã.

### **Encaminhamentos conclusivos**

O trabalho desenvolvido ao longo do tempo pela Rede Geu/UPF, revelou a realidade silenciosa sobre analfabetismo no estado do Rio Grande do Sul, com vários estudos e pesquisas desenvolvidas sobre este tema.

As reflexões desse artigo, indicam que o momento atual, ainda revela situações de analfabetismo no Brasil e no RS, embora, a taxa de alfabetização dos habitantes com 15 anos ou mais é de 94,2% no Brasil e de 97,2% no RS, em 2020.

Reitera-se, neste sentido, a função social da Universidade, que precisa buscar sua inserção na sociedade, analisando, discutindo e equacionando os diferentes problemas, promovendo a contextualização da realidade no que se refere ao analfabetismo.

---

<sup>5</sup> O livro “O trabalho pedagógico na educação de jovens e adultos : repensando e qualificando as práticas educativas” de Tramontina, Foscheira, Bordignon e Bristot (2018), é resultado da sistematização do curso de formação continuada em serviço realizado com professores e funcionários de educação de jovens e adultos (EJA) da rede municipal de ensino de Marau, coordenado pela Faculdade de Educação (Faed) da Universidade de Passo Fundo (UPF). Ebook disponível em: [http://editora.upf.br/images/ebook/trabalho\\_pedagogico\\_na\\_educacao.pdf](http://editora.upf.br/images/ebook/trabalho_pedagogico_na_educacao.pdf).

Nesta perspectiva, Bordignon (2014) salienta que os compromissos de qualquer instituição estão associados ao compromisso acadêmico, com a formação de novas gerações; ao compromisso profissional, no que tange à formação de novos profissionais, e ao compromisso institucional, com a comunidade no seu entorno.

Os encaminhamentos conclusivos, indicam a necessidade de estudos, que prossigam com as pesquisas sobre o analfabetismo, na perspectiva de induzir políticas públicas educacionais, sobre os processos de alfabetização, garantindo a qualidade social da educação, que segundo Gadotti (2010) acentua o aspecto social, cultural, ambiental e a valorização do conhecimento simbólico, além disso, oportuniza uma discussão da sensibilidade e da técnica. Por meio de políticas públicas desse porte, que se constituem forças estratégicas indutoras do enfrentamento das questões educacionais.

## Referências

ARROYO, Miguel Gonzáles. Educação de jovens-adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma Lino (Org.). **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 19-52.

BORDIGNON, L. B. **A Pós-Graduação como Interlocutora das Relações Universidade e Comunidade**. Tese de Doutorado em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2014.

FERRARO, Alceu Ravanello. **Analfabetismo no Brasil: desconceitos e políticas de exclusão**. Perspectiva, Florianópolis, v 22, n 1 p. 111-126, jan/jun 2004

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GADOTTI, M. **Qualidade na educação: uma nova abordagem**, 2010. Disponível em: [http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/14\\_02\\_2013\\_16.22.16.85d3681692786726a2c7daa4389040f.pdf](http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/14_02_2013_16.22.16.85d3681692786726a2c7daa4389040f.pdf). Acesso em: 02 mai. 2022.

GEU. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/geu/home.php>. Acesso em: 04 mai. 2022

IBGE. Disponível em: < <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/>>. Acesso em: 05 mai. 2022

LONGHI, Solange Maria.; MORO, Selina Maria Dal. **Como eles são? Concretizando a realidade silenciosa do analfabetismo no sul do Brasil**. Passo Fundo: IFIBE, 2014

PNAD. Disponível em: < <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9127-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios.html?=&t=destaques>> . Acesso em: 04 mai. 2022



PNE (2014-2024). Disponível em:

<[https://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne\\_conhecendo\\_20\\_metas.pdf](https://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf)>. Acesso em: 05. mai 2022

SANTOS, Maria Leda Loss; DAMIANI, Fernanda Eloisa. **Onde eles estão? Desvelando o analfabetismo no Brasil**. Passo Fundo; editora UPF, 2005

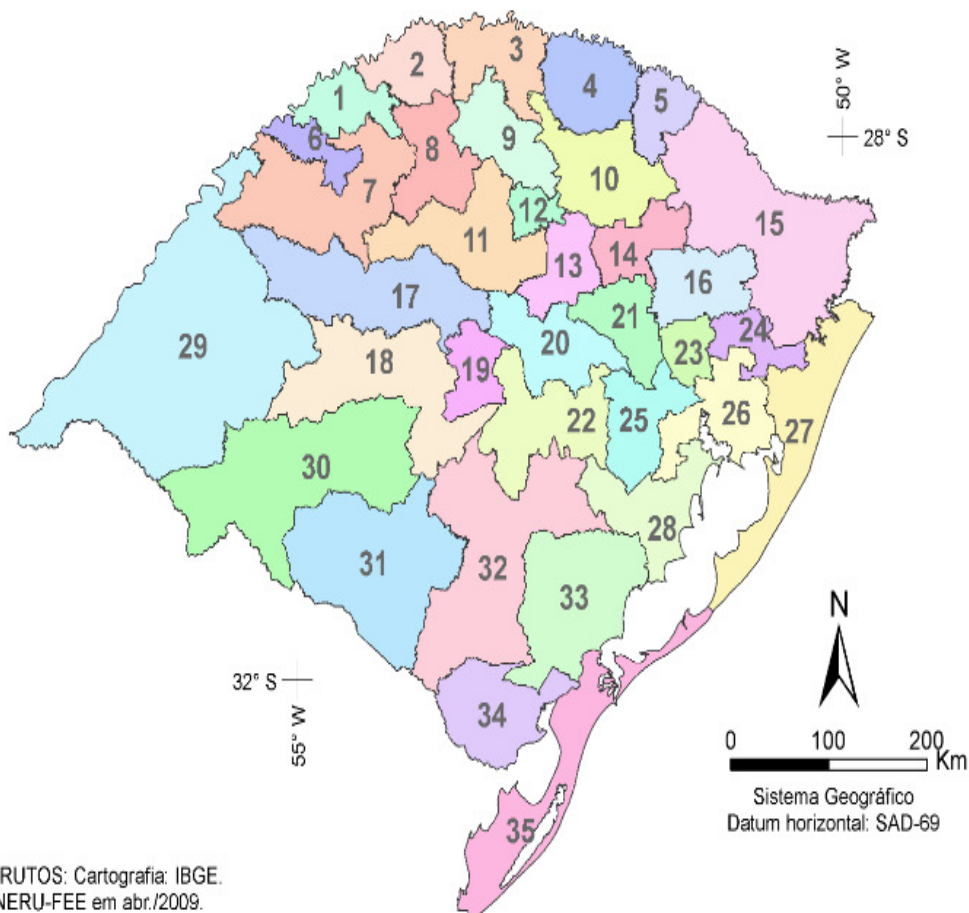
TRAMONTINA, Carla Cristine. FOSCHEIRA, Elisabeth Maria. BORDIGNON, Luciane Spanhol. BRISTOTT, Maria Isabel. O trabalho pedagógico na educação de jovens e adultos.: repensando e qualificando as práticas educativas. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2018.

### Anexo



#### Microrregiões geográficas (IBGE), Rio Grande do Sul — 2009

- Legenda:
- 1 - Santa Rosa
  - 2 - Três Passos
  - 3 - Frederico Westphalen
  - 4 - Erechim
  - 5 - Sananduva
  - 6 - Cerro Largo
  - 7 - Santo Ângelo
  - 8 - Ijuí
  - 9 - Carazinho
  - 10 - Passo Fundo
  - 11 - Cruz Alta
  - 12 - Não-Me-Toque
  - 13 - Soledade
  - 14 - Guaporé
  - 15 - Vacaria
  - 16 - Caxias do Sul
  - 17 - Santiago
  - 18 - Santa Maria
  - 19 - Restinga Seca
  - 20 - Santa Cruz do Sul
  - 21 - Lejeado-Estrela
  - 22 - Cachoeira do Sul
  - 23 - Montenegro
  - 24 - Gramado-Canela
  - 25 - São Jerônimo
  - 26 - Porto Alegre
  - 27 - Osório
  - 28 - Camaquã
  - 29 - Campanha Ocidental
  - 30 - Campanha Central
  - 31 - Campanha Meridional
  - 32 - Serras de Sudeste
  - 33 - Pelotas
  - 34 - Jaguarão
  - 35 - Litoral Lagunar



FONTE DOS DADOS BRUTOS: Cartografia: IBGE.  
NOTA: Elaborado pelo NERU-FEE em abr./2009.